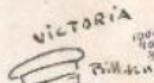


Conuersa ...

15-09-1932



O DESCOBRIIMENTO DE VICTORIA — Victoria existe. Vocês não sabiam? Existe. Mas não existe só como ilusão geográfica para a atração turística de Aymerich até Matilde. Agora existe até na Argentina.

Foi descoberta por D. Ramon Muñiz Lavalle, autor das flagrantes que publicamos, navegando em nome de «La Nación», de Buenos Aires.

E saiu o que elle disse? Que Victoria é linda e que a capital argentina seria muito feliz se tivesse as libas e colinazinhas da entrada da noite baixa: «Que no dia virmos si la chata pampa poblada de Buenos Aires tuviera a la entrada de su puerto unos quentos de estos latotes!». Depois disse mais isto que serve de reclame comercial e turístico: «Vive del café, que se produce exquisito em

sus tierras, y de la maior variedad de madeiras possibile».

Cidade escondida, que tal vez muy pocas conoscam, descreve, sem embargo, com seu aspecto pintoresco la belleza convencional de Rio de Janeiro!»

Disse. Tal e qual. Com exagero e tudo.

Depois pintou o Penedo, o caixeteiro, o guarda civil e a noiva negra, detendo-se um pouco diante da «catedral imensa, cujo estilo gótico llega ás cidades e ali se denhe para colocar-se el sombrerito de tejas rojas, que uniforma la vision de todas las ciudades brasilianas».

Vocês gostaram? Eu achei bem. E Victoria está descoberta.

UM LIVRO LINDO — Não ha como as mulheres para exprimirem a poesia do sentimento.

Os homens caídos. Guerra Junqueiro pode bem virar latões de estrelas e elhar com profunda pantomima as rizas dos casauadores mortos, porém jamais daria siqueir a simples poesia humana de... de uma carta de amor feminino, com erros de syntax e de orthographia...

Perque? Por causa da intensidade sentimental e sensual, orgânica, do outro sexo.

E si a mulher é culta, si permanecendo sinceramente mulher é ainda uma artista, deixando com simplicidade a sua alma em páginas de livre prosa—quem poderá fazer poesia mais perfeita?

Esta tirada, sabem porqué? Porque um livro lindo, de mulher, calha-me sob os olhos. Fá-la Moura de Sena Pereira, em Florianoopolis, e chama-se «Cantaro de Teratura».

E tanta a suavidade do senti-

Ve. Verso



mento que se entorna delle sobre a alma da gente, que elles, afinal, se refrigeram, enterneçem, encantam, mas não se saciam — e temos de voltar a reler as páginas do livro, com vontade de repete à autora as palavras do Christo à mulher que passava levando ao homem o canteiro, do poço de Jacob: Quem bebe dessa água terá sede outra vez... Samaritana...

38

HISTÓRIA DA BARATINHA — O céu estava cheio de dentesções polychromicas: vermelho, amarelo, ruxo, verde... No centro tinha uma mancha negra, que saía do perfil da chaminé negra de uma fábrica negra. De um lado cedia sobre a calçada uma orgia amarela, apendoando de duas avóres de chuva-de-ouro, que guardavam a fronte de um jardim.

A meia-hora baratinha, vindas dos lados da fábrica, muito pálida, como quem fex serão, e a noite toda passou em cima das teares. O grillo, esgalgado e magro, via-lhe falando baixinho, baixinho...



Dous attitudes de Kate de Mazy e de Jean Murat em «Capitão Craddock». Kate é a artista mais «garota» do «écran» europeu.

A baratinha escutava sorrindo com um sorriso triste. Depois fex — não — com a cabeça, como quem diz: — «Não pode ser. Que pena! — e afastou-se encolhida das suas roupinhas pobres.

O grillo lá se foi, cabibaxio, levando a sua marmita de alimento.

De repente a buzina de um automóvel cantou harmoniosamente, chamando a atenção de dona baratinha.

O galinhoto verde, lustroso, estava sorrindo lá dentro com a sua dentadura branca e bem tratada.

Fez um sinal a dona baratinha. Ela ficou deslumbrada, tonta, olhando para a camisa de seda e

a botadura de brilhante do galinhoto.

O automóvel parou, de manso, perto da senhorita baratinha. O galinhoto segurou-lhe a mão, puxou-a devagarinho... e ella entrou... — Rrrrr...

ALMEIDA COUSIN

Foto: E. M. G. / N. S.